

DOI: 10.18468/letras.2016v6n2.p125-138

## ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DA LITERATURA DE LÍNGUA FRANCESA E SUAS IMPLICAÇÕES NO GÊNERO NARRATIVO FANTÁSTICO

Marcus Vinícius Souza e Souza<sup>1</sup>Natali Fabiana da Costa e Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho consiste em abordar alguns aspectos históricos da literatura de língua francesa e sua pertinência na Literatura Fantástica, sendo o lugar de origem dessa modalidade de literatura. Buscamos também apresentar as características do gênero narrativo, Fantástico, em duas vertentes teóricas, a tradicional e contemporânea, situando desde o século XVIII ao XX. Visamos ainda propor um estudo comparativo acerca da teoria do gênero narrativo supracitado, sob a visão de Tzvetan Todorov (2012) e Ana Luiza Silva Camarani (2014) com o intuito de verificar as convergências e divergências, em que se poderá mostrar a influência que Todorov exerce nos estudos contemporâneos, como ocorre na classificação do Fantástico que é situado entre o Estranho e o Maravilhoso, que na teoria contemporânea contempla outros subgêneros: o Romance gótico e o Realismo mágico. Além desses teóricos, utilizamos Karin Volobuef (2000), José Paulo Paes (1985) e Maria Cristina Batalha (2003) para situar o contexto histórico e o período em que o Fantástico surgiu.

**PALAVRAS - CHAVE:** Gênero fantástico. Língua Francesa. Literatura fantástica.

### SOME HISTORICAL ASPECTS OF THE FRENCH LITERATURE AND ITS IMPLICATIONS IN THE FANTASTIC NARRATIVE GENRE

**ABSTRACT:** The present work is to approach some historical aspects of French language and literature your relevance in fantasy literature, being the place of origin of this type of literature. We seek also present the characteristics of narrative, Amazing, in two ways, the traditional and contemporary theoretical, since the 18th century to the 20th. We aim to even propose a comparative study about the theory of narrative above, under the vision of Tzvetan Todorov (2012) and Ana Luiza Silva Camarani (2014) in order to verify the convergences and divergences, which can show the influence it wields in contemporary studies, Todorov as the awesome that is situated between the Weird and the wonderful, which in contemporary theory includes other subgenera: the gothic novel and magical realism. In addition to these theorists, Karin Volobuef (2000), José Paulo Paes (1985) and Maria Cristina Batalha (2003) to site the historical context and the period in which the Great emerged.

**KEYWORDS:** fantastic Genre. The French Language. Fantasy literature.

<sup>1</sup> Graduando em Letras Português e Inglês - Universidade Federal do Amapá. E-mail: marcus-vinicius-s@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários, professora na Universidade Federal do Amapá Doutora em Estudos Literários. Coordenadora do Curso de Letras Português da Universidade Federal do Amapá - *Campus* de Santana-APCoordenadora do Núcleo de Pesquisas em Estudos Literários (NUPEL - UNIFAP). E-mail: natali\_costa@hotmail.com

## Introdução

Busca-se nessa pesquisa elucidar alguns aspectos históricos do gênero Fantástico na Literatura de Língua Francesa, bem como apreciar de modo comparativo as duas principais teorias acerca do gênero: Tzvetan Todorov em *Introdução à Literatura Fantástica* (2012), e Ana Luiza Silva Camarani (2014), em *A literatura Fantástica: Caminhos teóricos*, objetivando verificar as convergências e divergências entre essas duas teorias, situando desde o século XVIII até o XX.

Como objetivo secundário, buscamos verificar as principais transformações que o Fantástico sofreu ao longo dos anos, que serão mostradas de acordo com Karin Volobuef (2000), em “Uma leitura de fantástico: A invenção de Morel de Adolfo Bioy Casares e o processo de F. Kafka”.

A partir disso, visamos mostrar que Literatura Fantástica está intrinsecamente ligada à Literatura de língua francesa, visto que a França é o país de origem dessa modalidade de literatura que oscila entre o mundo real e sobrenatural. Além disso, a Literatura Fantástica está situada em um período demarcado pela tendência do cientificismo, momento no qual os filósofos passaram a especular explicações religiosas e passaram a aderir à cientificidade a fim de explicar os fenômenos que cercam o homem, uma vez que este se caracteriza por essa necessidade de compreender o mundo a sua volta.

Essa menção é reafirmada por Maria Cristina Batalha (2003), em “A importância de E. T. A. Hoffmann na cena romântica francesa”, relata que o pensamento religioso, principal meio de compreensão de fenômenos, passa a perder espaço diante das explicações científicas.

### 1 A Literatura Fantástica: um breve histórico

A Literatura Fantástica tem suas origens na França e é impulsionada a partir de obras como “Le diable amoureux”, de Jacques

Cazzote (1972), e “Le manuscrit trouvé à Saragosse”, de Jean Poltrocki (1805), como informa Batalha (2003). Tratando o surgimento da Literatura Fantástica, José Paulo Paes (1985) no artigo intitulado “As dimensões do fantástico”, a Literatura Fantástica surge na França no século XVIII, e é demarcada pela tendência cientificista, que implica na busca de explicações dissociadas do sagrado.

O termo Fantástico, pela etimologia, supõe que se trata de algo que tenha caráter fantasioso, fantasmagórico, extravagante, ou próprio de fantasmas, como também informa o dicionário Aurélio (2009). Esse aspecto pode ser constatado no prólogo do livro, *Histórias fantásticas*, que é organizado e traduzido por José Paulo Paes (2004), que provoca o leitor a recorrer ao sentido comum do dicionário para poder introduzir a ideia do que se trata o gênero.

Nota-se que a acepção da palavra, segundo o dicionário, não é o suficiente para explicar o gênero. Buscamos, desse modo, base em Todorov (2012) e Camarani (2014) que explicam a partir de uma mesma perspectiva o gênero e suas divergências em relação às modificações sofridas ao longo das décadas.

Para Todorov (2012), o gênero Fantástico reside entre o real e imaginário, pois apresenta traços que estão presentes no mundo sobrenatural, que segundo ele é definido pela dúvida acerca da realidade, chamada pelo autor de vacilação, sentida por um ser descrente de leis que estão além das explicações naturais. A definição do teórico exemplifica a ruptura do leitor que se depara com fenômenos inexplicáveis às leis naturais, mas podem ser explicadas pelo sobrenatural.

Todorov também afirma que a ambiguidade é fundamental à narrativa Fantástica, visto que a partir dela, as dúvidas acerca dos fatos narrados criam certo estado de hesitação no leitor, que oscila entre a imaginação e a desconfiança de um mundo regido por leis desconhecidas. O elemento é evidenciado na seguinte passagem do texto:

A ambigüidade subsiste até o fim da aventura: realidade ou sonho?: verdade ou ilusão? Chegamos assim ao coração do fantástico. Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. (TODOROV, 2012, p. 12).

O estudioso caracteriza a ambigüidade, exemplificando-a em obras. Nestas, o leitor interroga-se acerca dos elementos mencionados, se eles podem ocorrer no mundo real, bem como ser a possibilidade da parte de um sonho. As perguntas feitas por Todorov dão pertinência à hesitação, ou seja, se um determinado fato ocorreu, ou tratava-se apenas de um sonho, como por exemplo, a face de seres sobrenaturais no mundo real, contados na narrativa, apontando para duas vertentes, uma delas refere-se ao produto da criação da mente humana e a realidade.

O Fantástico, na percepção de Todorov, é tratado a partir de uma postura que implica estar convencido de que entes sobrenaturais e acontecimentos sem explicação podem ocorrer no mundo em que se vive. Acerca do aspecto ambíguo, Todorov menciona que:

quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou existe realmente, como outros seres, com a diferença de que rara vez o encontra. (TODOROV, 2012, p. 15).

Nas palavras do autor, constata-se que o leitor deverá optar por decidir se os fatos são reais ou não. O estudioso em questão considera a possibilidade de vacilar entre o mundo real e imaginário

responsável pelo efeito Fantástico: “Há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico.” (TODOROV 2012, p. 16).

Adotando esses princípios, Todorov explica que assim chega-se ao coração do Fantástico, expõe ainda que se trata de intromissões do inexplicável no âmbito da realidade. O autor, sobre as incertezas do gênero, comenta que “o fantástico se ocupa dessa incerteza”, de acreditar ou não no fato narrado, pois à medida que o leitor está envolvido com a leitura passa a hesitar, e a partir disso decide aceitar ou não os fatos, visto que o fantástico está entre os gêneros vizinhos: o estranho e o maravilhoso, estes podem definir o modo de leitura e a reação que causa no leitor.

O posicionamento do teórico deixa explícito que, o que discerne o Fantástico do Estranho e do Maravilhoso é a reação provocada pelos elementos apresentados no texto, bem como a forma de lê-lo. Em detrimento dessa peculiaridade, o Fantástico passa a conceber-se diante da dúvida, ao passo que o Estranho e o Maravilhoso podem ser explicados. Portanto, aquele passa a ser concebido da incerteza, ou seja, da percepção ambígua, a qual o leitor deve posicionar-se em aceitar ou não os fatos.

Não se detendo a condicionar o Fantástico somente à definição por meio do sobrenatural e hesitação, o teórico condiciona-o também ao cumprimento de três condições:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote certa atitude para o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a “poética”. (TODOROV 2012, p. 38-39).

Na primeira condição, o leitor deve passar a considerar o mundo das personagens como o mundo em que se hesite entre uma explicação natural e sobrenatural dos acontecimentos. O leitor deve integrar-se ao texto de modo que duvide se o que está sendo narrado pode confundir-se com a realidade.

A segunda condição, a personagem deve hesitar entre a explicação natural e sobrenatural. Em alguns casos, o leitor identifica-se com a personagem e sente junto com ela essa hesitação. Todorov informa que, embora isso não ocorra em todas as narrativas, tal identificação encontra-se presente na maioria dos textos.

A terceira condição implica não só na presença do sobrenatural e a hesitação, mas também na maneira que o leitor interage mediante ao texto, devendo rejeitar tanto sua interpretação poética, quanto alegórica. A interpretação poética refere-se ao sentido metafórico, que é restrito apenas às palavras; quanto à alegoria, existe a presença do sobrenatural, mas sem a hesitação do leitor.

Todorov estabelece critérios e explica que o Fantástico é definido como subgênero narrativo que habita a fronteira entre o real e imaginário.

Um exemplo do aspecto alegórico que se deve recusar, dentro da perspectiva da literatura Fantástica, pode estar presente nas obras de Perrault. Em narrativas onde animais falam, o leitor não se interroga da possibilidade dessa ocorrência no mundo real, como fica explícito nas palavras do autor:

Existem narrativas que contêm elementos sobrenaturais sem que o leitor jamais se interrogue sobre sua natureza, sabendo perfeitamente que não deve tomá-los ao pé da letra. Se animais falam, nenhuma dúvida nos assalta o espírito: sabemos que as palavras do texto devem ser tomadas num outro sentido, que se chama alegórico. (TODOROV 2012, p. 38).

Todorov (2012), ao estudar os textos canônicos, considera-os paráfrase uns dos outros, no entanto ele alega que para definir o Fantástico deve-se ir além da presença do sobrenatural, assim rela-

cionando-se com a maneira de ler. O autor explica a teoria do Fantástico, inicialmente segundo Castex (1963 apud Todorov 2012), que considera, que “o fantástico caracteriza-se por uma intromissão brutal do mistério da vida real”, assim como Vax (1960 apud Todorov 2012) ao expor que o relato Fantástico nos apresenta, em geral, a homens como nós que habitam o mundo real, mas de repente encontram-se diante do inexplicável. Em seguida, apresenta o posicionamento de Caillois (1965 apud Todorov 2012), que explica, que “todo fantástico é uma ruptura da ordem reconhecida”.

Como proposta de traçar um perfil comparativo entre as teorias tradicionais e contemporâneas, buscou-se verificar a influência de teóricos como Camarani (2014) para constatar as convergências e divergências. Logo, nota-se que ela concorda com a definição de Todorov (2012), situando o Fantástico entre o estranho e o maravilhoso e, além deles, considera que o gênero está situado em outros subgêneros: o romance gótico e o realismo mágico.

O romance gótico seria a evolução da epopeia, a qual apresenta como principal característica a temática sombria. No realismo mágico ocorre a aceitação dos fatos narrados, de modo que a contradição entre o mundo real e imaginário seja desfeita, assim o leitor não chega a hesitar. As narrativas maravilhosas e alegóricas apontam traços em comum, visto que estão imbuídas de elementos com características mágicas e de cunho fantasioso, que o leitor conceberá como fabulação e não hesitará, posto que ele saberá que tais fatos não podem ocorrer no mundo real.

Camarani (2014) cita Malrieu (1992) a respeito da complexidade em definir a Literatura Fantástica, por existir diferentes concepções teóricas acerca da definição dessa modalidade literária. Soma-se a isso o posicionamento de Nodier ao considerar o contexto racionalista do século XVIII e concebe a “história fantástica” como o narrar de dons concebidos a pessoas, como ocorrem em obras onde seres inadmissíveis estão presentes no âmbito conhecido.

Camarani (2014) também informa que os traços do insólito ou sobrenatural pertencem ao discurso realista e não realista, o qual

lida com a oscilação, ou seja, permeia entre o mundo real e imaginário por intermédio da presença do sobrenatural. A partir de Castex, a estudiosa afirma que a narrativa Fantástica é caracterizada como uma nova modalidade de literatura, e relaciona a existência do sobrenatural ao mundo real. A mesma autora, ao analisar Vax (1972), expõe o posicionamento deste sobre o que se trata a narrativa fantástica, e segundo ele, essas narrativas dizem respeito a sermos apresentados ao sobrenatural. O posicionamento de Vax e Castex nos conduz à matriz do pensamento de Camarani, justificando duas de suas colocações. A primeira é o fato de considerar os textos desses autores, paráfrase uns dos outros pela similaridade dos argumentos. A segunda se refere a possibilidade de oscilação entre o mundo real e sobrenatural, assim gerando o efeito Fantástico.

A partir da fala de Camarani (2014), nota-se a evolução do gênero narrativo Fantástico, o qual está situado em gêneros vizinhos, o Estranho e o Maravilhoso, assim como os subgêneros da Literatura Fantástica, o Romance gótico, que é a forma primitiva à Literatura Fantástica pelas características do sobrenatural e a imposição do macabro. Por sua vez, no Realismo mágico reside o discurso realistas e não realista, prevalecendo as nuances de dúvida, como na hesitação, mas de modo que o discernimento seja mais visível, sendo essa a corrente embrionária que reside entre a Literatura Fantástica, romance gótico e realismo mágico.

Todorov (2012, p. 26) discerne o Fantástico de seu gênero vizinho, o Estranho, alegando contradição, pois no Estranho pode-se compreender um fenômeno através da razão, já o Fantástico, a dúvida permanece. Ainda, Todorov (2012, p. 26) considera o Estranho como um subgênero que não é bem definido, mas que permite discernimento em relação ao Fantástico, e relaciona-se ao “sentimento de medo das pessoas.”

“A queda da casa de Usher” de Edgar Allan, Por exemplo, exemplifica este gênero, por se tratar de dois irmãos: Madeleine Usher, Roderick Usher e um convidado, Montresor. O fato inquietante da história é que todos passam a acreditar que Madeleine está mor-



ta e, ao término da narrativa, Roderick é descrito como morto junto como sua irmã, a partir disso que surge uma questão: Madeleine já não havia morrido? A dúvida é desfeita no momento em que é revelado que a irmã de Roderick, assim como toda a família, sofre de catalepsia, uma doença que não permite a locomoção de nenhuma parte do corpo, e sua respiração não é percebida.

Quanto ao Maravilhoso, podemos exemplificar com alguns elementos do conto “Fées” de Charles Perrault, que narra a trajetória da filha de uma camponesa orgulhosa e mal humorada, que ao contrário da mãe e da irmã, era gentil. Ela ajuda uma camponesa que lhe pede água, logo, a camponesa revela-se como fada, e como forma de agradecimento ela cede um dom a jovem, que a cada palavra expelirá flores e pedras preciosas. Posteriormente, a mãe e a outra filha vão à procura da fada, impondo que ela conceda o mesmo dom, o qual fora entregue a filha, no entanto, por sua grosseria, acaba sendo punida, o dom então ocorre de outra maneira, a cada palavra expelida, em vez de pedras preciosas e flores, expelirá cobras e sapos. Nessa narrativa, nota-se que o Maravilhoso se caracteriza pelo cunho social e moral, além de elementos como a figura da fada, que é um ser presente em contos e tipicamente estão no mundo imaginário.

Além desses, a vertente contemporânea admite outros subgêneros, como o Realismo mágico, que também é conhecido como Realismo Fantástico, considerado como uma das vertentes do Fantástico contemporâneo. Esse subgênero apresenta um cenário onde a hesitação não ocorre, pois o sobrenatural passa a ser aceito diante da realidade.

Isso pode ser explicado na escrita de autores como: Cortazar e Gabriel Márquez, assim como outros nomes que merecem destaque: Franz Kafka em seu texto “Metamorfose”, que apresenta como elemento fundamental a temática de um homem que se transforma em inseto. Um segundo exemplo é o conto “A cidade” de Murilo Rubião, no qual o sobrenatural não se manifesta, mas a personagem descreve a sensação de estar vivenciando um pesadelo, o protago-

nista narrando estar sozinho em um trem sem destino definido. O protagonista Curiba chega à cidade onde existem casas brancas e ao bater nas portas não é atendido.

O realismo mágico nesse sentido ocorre pela possibilidade de vivência da realidade. No Romance gótico, podemos verificar a presença de castelos, dentre outros elementos que ambientam o sombrio, e isso se faz presente no conto “O gato preto” de Edgar Allan Poe, um escritor do século XIX que resgata as características do século XVIII. Essa narrativa conta a história de um homem que tem grande apreço por um gato, o qual é enforcado. Após isso, decide adotar outro gato que tem os mesmos traços do antigo animal, fator que leva a personagem a acreditar que o animal enforcado teria reencarnado.

Nota-se, com esses exemplos, algumas convergências e divergências da teoria tradicional de Todorov, à teoria contemporânea de Camarani, que se impulsiona da teoria tradicional e vai além, concordando com a definição de Fantástico, no entanto, ela vai além e propõe outros subgêneros como o Realismo mágico e o Romance gótico. Há também a divergência quanto à nomenclatura, que Todorov chama de vacilação, e Camarani, oscilação, sendo o mesmo fenômeno, o permear entre o mundo real e o sobrenatural.

## **2 A evolução da teoria**

Camarani (2014) menciona que há duzentos anos, inúmeras obras da literatura francesa marcam a história da literatura Fantástica. Para a estudiosa, o Fantástico na narrativa é gerado pela ambiguidade acerca de um fato narrado, seguido da presença de elementos “insólitos, mágicos e sobrenaturais”.

Para Wexell Machado (2006), o Fantástico e sua tradição abrangem “manifestações estéticas” relacionadas ao realismo mágico do século XIX e ao romance gótico do XVIII, como continuidade da “literatura fantástica”. Na concepção de Camarani, o Fantástico abarca subgêneros que flutuam pela teoria, tendo a mesma formação

embrionária.

A autora lembra que essas modalidades têm a mesma formação embrionária que a Literatura Fantástica. Nesta, como dito, a dúvida permanece nas narrativas, de forma que o leitor oscile entre explicações reais e sobrenaturais, sem nunca resolver essa ambiguidade.

Volobuef (2000) menciona o romance gótico, é ancestral em relação à moderna narrativa fantástica. Nele, as características voltavam-se à “ambientes macabros” e posteriormente passou a explorar a complexidade dos avanços científicos, abandonando os acontecimentos “surpreendentes e assustadores”. Segundo a autora, a narrativa Fantástica é apreciada em contextos com “revalidação da realidade”, desse modo, emergindo a incerteza adjacente ao desequilíbrio do âmbito familiar.

Compreende-se como revalidação da realidade a possibilidade de ocorrer no mundo real um fenômeno desconhecido às leis naturais. Assim, o leitor buscará uma explicação. A estudiosa afirma, ainda, que o Fantástico problematiza a vida e os ambientes conhecidos no mundo real, “não criando mundos e criaturas imaginárias”. Ela afirma também, que ultrapassa os limites da literatura comum pela própria modalidade de literatura.

Volobuef (2000,), ao traçar o percurso histórico do Fantástico, tendo como embasamento os estudos de Coalla (1994), explica que o gênero atravessou distintas fases, permeando do final do século XVIII ao início do século XIX. Ainda no século XIX, adentra dimensões psicológicas, incorporando imagens de loucura e alucinações. Machado (2013) também se respalda em Coala (1994) para explicar as temáticas do Fantástico e, com isso, textos mais sutis que se entrecem no jogo psicológico da loucura e realidade.

Como exemplo da literatura Fantástica no século XX, a obra de Adolfo Bioy Casares, “A invenção de Morel” é modelar. Ela narra a trajetória de um ex-presidiário que decide ir a uma ilha cercada por um inquietante mistério, pois lá as unhas caem, assim como os cabelos e, finalmente, as pessoas morriam. Lá, descobre uma máquina

que reproduz eternamente as pessoas da ilha. No simulacro criado pela máquina, há a figura de uma mulher, Faustine, por quem se apaixona. Cansado da solidão, ele observa atentamente as imagens desse simulacro por uma semana e age de acordo com as ações de Faustine. Após isso, ele entra na máquina e tem seu corpo destruído.

Diferente de como ocorre no romance “Le manuscrit trouvé à Saragosse” e “O Horla”, o ambiente sombrio não é uma temática que se sobressai em “A invenção de Morel”, ao contrário, é o ambiente familiar, assim como a temática existencial – por meio da construção de uma máquina da imortalidade - além de problematizar a tecnologia.

É possível verificar que dentro no século XVIII e sua transição para o XIX, o sobrenatural transpõe-se nas narrativas pela presença de monstros e fantasmas, mas no século XIX, a hesitação seguida da sensação de loucura são características fundamentais.

No século XX, o Fantástico passa a problematizar a vida e o ambiente conhecido, diferentemente dos séculos anteriores, que lidam com ambientes macabros. Camarani (2014), ao estudar Nodier, expõe a ideia da imaginação e criação da mente humana como fator que se reafirma no gênero Fantástico, em discursos que permitem sentir sensações de dúvida. Silva e Lourenço (2010) afirmam que o Fantástico surge inicialmente com temáticas voltadas ao medo, mas com o passar dos anos, chegando ao século XIX, tornou-se mais sutil nas narrativas.

Silva e Lourenço mencionam Volobuef para situar a transição temática. Esta expõe que o gênero abandonou temáticas que impõem medo e, lidam com alucinações, bem como o sobrenatural, para relacionar-se com outros complexos atmosféricos, de modo que seja problematizado o mundo diante dos avanços tecnológicos e angústias existenciais. Os estudiosos trazem como base de sustentação, Rodrigues (1988), a qual afirma que a maioria dos estudiosos concebe o surgimento do Fantástico no século XVIII e XIX, mas seu amadurecimento corre somente no século XX.

Essas evoluções referem-se às formas de abordagem pelas quais o gênero passou, assim como explica Coalla (1994), ao alegar, no século XVIII, que o gênero exige a presença do sobrenatural como fantasmas e monstros, no século XIX os aspectos psicológicos e, no século XX, explora os elementos do cotidiano.

### **Considerações Finais**

Nessa proposta de estudo foi possível analisar os principais aspectos históricos da Literatura Fantástica dentro período do século XVIII até o XX sob a perspectiva teórica de Todorov (2012) e Camarani (2014), dialogando com estudiosos como Paes (1985), Batalha (2003) e Volobuef (2000), a partir dos quais se mostrou quando surge essa modalidade de literatura e o país de origem, a França, assim como o contexto que se vivenciava.

Além disso, também se percebe que Todorov exerce influência nos estudiosos da teoria contemporânea do Fantástico, como ocorre com Camarani, que concorda com a definição de Fantástico e situa aos gêneros vizinhos, o Estranho e o Maravilhoso, e propõe alguns outros: o Romance Gótico e o Realismo mágico.

Karin Volobuef explica que a narrativa fantástica inicialmente aborda características voltadas ao ambiente sombrio e macabro no século XVIII. No século seguinte, toma como pressuposto o sobrenatural e questões psicológicas. No século XX, torna-se uma narrativa mais sutil que abandona os acontecimentos surpreendentes e problematiza o ambiente conhecido.

A partir disso, podemos observar que desde o século XVIII ao XX, o Fantástico modificou-se, e podem-se constatar as convergências e divergências sobre esse gênero na visão de Todorov e Camarani.

## Referências

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **Novo dicionário de língua portuguesa**. 4. Ed. Curitiba: Positivo, 2009.

BATALHA, Maria Cristina. **A importância de E. T. A. Hoffmann na cena romântica francesa**. In : ALEA volume 5 número 2 julho – dezembro 2003.

CALVINO, Ítalo IN: Introdução. **Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano** / organização de. — São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo, SP: Cultura acadêmica: 2014.

GARCIA, Flavio; BATISTA, Angélica Maria Santana. **Dos fantásticos ao fantástico: um percurso por teorias do gênero**. Revista SOLETRAS, Ano V, N° 10. São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2005.

MACHADO, Luís Eduardo Wexell. **Vertentes do Fantástico do gótico à álgebra mágica**. 1ª ed. Petrópolis: POD; KBR, 2013.

PAES, José Paulo. **As Dimensões do Fantástico: Gregos e Baianos**. São Paulo: Brasiliense 1985.

\_\_\_\_\_. **Histórias Fantásticas**. 5 ed. Ática 2004.

SILVA, Luis Cláudio Ferreira; LOURENÇO, Daiane da Silva. **O gênero literário fantástico: considerações teóricas e leituras de obras estrangeiras e brasileiras**. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5106115.pdf>. Acesso em: 05/01/2016

TODOROV, Tzevetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

VOLOBUEF, Karin. **Uma leitura do Fantástico: A invenção de Morrel (A. B. Casares) e o processo (F. Kafka)**. Revista Letras, Curitiba, n. 53, p. 109-123, jun. 2000.

**Recebido em 02 de novembro de 2016**

**Aprovado em 10 de janeiro de 2017**